ARTIGO

HISTÓRIA DO JORNALISMO DE GUERRA EM CONFLITOS HISTÓRICOS

HISTORIA DEL PERIODISMO DE GUERRA EN CONFLICTOS HISTÓRICOS

HISTORY OF WAR JOURNALISM IN HISTORICAL CONFLICTS

Ana Carolina da Silva Peixoto¹

RESUMO:

Este artigo aborda a atuação jornalística em guerras importantes política e economicamente para o mundo. É um trabalho composto por uma pesquisa sobre a ação do jornalismo durante guerras mundiais e as teorias do jornalismo na abordagem dessas ações, além disso, a pesquisa revela a censura enfrentada pelos jornalistas na cobertura dessas guerras. É uma pesquisa fundamental para o campo acadêmico visto que ele apresenta uma carência de textos nesta área, e é fundamental também para que se desperte o interesse das pessoas por essa atividade. É um trabalho de caráter bibliográfico, autobiográfico e exploratório.

PALAVRAS-CHAVE: História. Jornalismo. Guerra.

RESUMEN:

Este artículo trata sobre las actividades periodísticas en guerras importantes política y económicamente para el mundo. Es un trabajo compuesto por la investigación sobre la acción del periodismo durante las guerras mundiales y las teorías del periodismo en el abordaje de estas acciones, además, la investigación revela la censura que enfrentan los periodistas en la cobertura de estas guerras. Es una investigación fundamental para el ámbito académico ya que carece de textos en esta área, y también es fundamental para despertar el interés de las personas por esta actividad. Es un trabajo bibliográfico, autobiográfico y exploratorio.

PALABRAS CLAVE: Historia. Periodismo. La guerra.

ABSTRACT:

This article deals with journalistic activities in important wars politically and economically for the world. It is a work composed of research on the action of journalism during world wars and the theories of journalism in addressing these actions, in addition, the research reveals the censorship faced by journalists in covering these wars. It is a fundamental research for the academic field since it has a lack of texts in this area, and it is also fundamental to arouse people's interest in this activity. It is a bibliographic, autobiographical and exploratory work.

KEYWORDS: History. Journalism. War.

¹ Estudante de Jornalismo no Centro Universitário Fluminense (UNIFLU). [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Ana Carolina da Silva Peixoto\) \(cnpq.br\)](#)

Email: acdspeixoto@gmail.com

1 – INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais tecnológico, no qual os assuntos atravessam fronteiras com apenas um toque na tela do celular, ainda há um assunto muito importante a ser discutido: a guerra. A guerra é um fator que muda completamente a política e a economia não só dos países envolvidos nela, mas do mundo todo. Em 2017 a ONU² declarou que os civis mortos por conflitos armados no fim do século XX chegavam a 90% do total de mortes.

O jornalismo de guerra surgiu antes do século XX, muito antes da Primeira Grande Guerra, porém, apesar da importância das guerras para o mundo e principalmente da cobertura jornalística delas, não foi um tema discutido durante a minha graduação e, quando comecei a pesquisar textos acadêmicos para a idealização deste trabalho, encontrei uma ausência de pesquisas nessa área, portanto, utilizei também literaturas classificadas como autobiográficas para compor a pesquisa.

O trabalho dos jornalistas que atuam em locais hostis é fundamental. Sem eles seria muito mais difícil acompanhar de perto o que acontece em uma área de conflito armado. Portanto, esta pesquisa tem a finalidade de levantar questões a respeito do trabalho jornalístico de guerra e fazer com que as pessoas se conscientizem a respeito do trabalho que é realizado nessas áreas.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, objetivando apresentar o contexto histórico do jornalismo de guerra e a relação da profissão com o poder estatal apontando, através da perspectiva dos autores abordados, se havia censura na cobertura de guerra e de que forma ela influenciou na qualidade do trabalho realizado pelos jornalistas. A hipótese inicial da pesquisa é que a censura sempre existiu na cobertura de guerra e influencia diretamente na qualidade do trabalho realizado pelos jornalistas.

² <https://nacoesunidas.org/onu-alerta-para-crescente-numero-civis-mortos-em-conflitos-armados/>

2 – HISTÓRIA DO JORNALISMO DE GUERRA

Para falar sobre o jornalismo de guerra, é importante saber que existem quatro tipos de jornalistas que produzem reportagens no exterior: o correspondente, o enviado, o *stringer* e o *fixer*. O correspondente internacional é o jornalista fixo em um país, geralmente em sua capital. É responsável por cobrir os acontecimentos daquela região, de todo país ou, até mesmo, de todo o continente, com frequência. São profissionais que precisam ter um senso crítico muito apurado para que faça a seleção do que é noticioso naquele lugar e, ao mesmo tempo, importante para o seu país de origem.

Já o enviado ao exterior é o jornalista que, por um motivo pré-determinado (guerra, epidemia, crise etc.), viaja para outro país para produzir uma matéria ou uma série de matérias sobre o assunto e enviar para o seu país de origem.

Muitas vezes não é importante para a empresa jornalística ter um correspondente ou, até mesmo, um enviado em determinados locais e, por isso, muitos jornalistas acabam indo de forma independente. Esses jornalistas são conhecidos como *stringers* e, geralmente, prestam serviços para várias empresas ao mesmo tempo.

Os *fixers* atuam como uma fonte de conhecimento local para as redes de mídia, empresas de publicidade e outras organizações que precisam de logística, um intérprete e, às vezes, ajuda na produção em países estrangeiros.

De meados do século XIX até o momento atual, a cobertura jornalística das guerras foi alterada inúmeras vezes por fatores que variaram desde os padrões de qualidade jornalística à modernização das tecnologias de transmissão e recebimento de informações (SILVA, 2006, p. 54).

Como profissão, a correspondência de guerra surgiu ainda na segunda metade do século XIX e o primeiro correspondente de guerra da história da imprensa foi o irlandês William Howard Russell, enviado pelo *The Times* para cobrir diariamente a Guerra da Crimeia. Essa cobertura normalmente faz a *suíte*³, o que influencia no material produzido e enviado para a redação pelo jornalista. Ainda naquele período foram enviados repórteres europeus e norte-

³ Do francês *suíte*, isto é: série, sequência de um conteúdo já escrito, porém que teve desdobramento, atualização.

americanos para conflitos como a Guerra da Crimeia, Guerra do México, Guerra do Ópio, Guerra Civil Americana, Guerra do Paraguai e Guerra Hispano-Americana.

A Guerra da Crimeia (1853 – 1856) contou com dois enviados para relatar a guerra diariamente através de artigos e fotografias, eram eles William Russell e Roger Fenton. A partir dessa cobertura de guerra, começou-se a pensar nessa profissão para que, mais tarde, fossem possíveis transmissões em tempo real do conflito, fazendo com que o público, envolvido ou não nas guerras, se informassem sobre os acontecimentos.

Russell desempenhou um trabalho que durou quase dois anos no conflito da Crimeia. Devido a isso, é considerado um dos primeiros “correspondentes de guerra”. Já Fenton, foi enviado por uma editora de Manchester para cobrir o conflito de forma parcial e artística, sem revelar os horrores da guerra, para que assim fosse possível acalmar a opinião pública.

Na época, Russell começou a abordar o maior número de soldados e oficiais que ele conseguia, para que os mesmos descrevessem tudo o que haviam presenciado, o que se tornou o *modus operandi* de todo correspondente. Mas chegou à conclusão de que as impressões que obtinha confundiam ainda mais as informações, pois, os relatos das testemunhas oculares eram, por vezes, contraditórios.

De acordo com Silva (2006) os editores empregavam suboficiais para mandar cartas da frente de combate, arranjo que se mostrava extremamente insatisfatório.

Esses soldados-correspondentes não apenas eram altamente seletivos no que escreviam, já que encaravam a si mesmos primeiramente como soldados e só depois como correspondentes, mas também entendiam pouco dos funcionamentos dos jornais, ou até do que constituía uma notícia (p. 55).

Além da tortura, os militares agiam de diferentes formas, até mesmo lendo os textos enviados por telégrafo antes de serem publicados. Com isso, começou a existir a autocensura por parte dos jornalistas e a censura dos próprios jornais.

Ainda na guerra da Crimeia, surgiram as primeiras preocupações com a divulgação de dados que pudessem colocar a segurança das tropas em risco e, com isso, o próprio jornal *The Times* precisou controlar o trabalho de Russell. De

acordo com Silva (2006), os editores do repórter concordaram então que Russell deveria ser contido e garantiram também ao governo que todos os relatos de seus correspondentes se restringiriam a acontecimentos passados.

Em 25 de fevereiro de 1856, já no final da guerra da Crimeia, as autoridades inglesas emitiram uma ordem que proibia qualquer publicação de detalhes que poderiam ser importantes para o inimigo. Essa ordem também permitia que qualquer correspondente que infringisse essa regra fosse punido e, dessa forma, ameaçava os futuros transgressores com a mesma punição.

Na classe jornalística, os correspondentes de guerra estão entre as maiores vítimas de mortes por assassinatos ou acidentes, mas suas informações têm altíssimo valor para a redação. Para Kuhn (2005), os correspondentes de guerra ou enviados de guerra, em geral, são aqueles jornalistas com prestígio dentro das empresas de comunicação.

Os avanços tecnológicos fizeram com que qualquer um, jornalista ou não, pudessem narrar a guerra de forma mais fácil e para cada vez mais pessoas. Os combatentes, a população atingida diretamente pelos efeitos da guerra, todos podem transmitir o que acontece no conflito. Para Pedro (2013), a internet aparece como ferramenta dessa cobertura jornalística ao mesmo tempo, em que é apoderada por todo tipo de narrador localizado fora do jornalismo.

Pedro (2013) ainda conclui que o resultado físico das guerras depende da guerra de interpretação e de quais vozes se veem apresentadas e representadas contemporaneamente pelos meios de comunicação.

Podemos concluir então que a cobertura de guerra sempre foi necessária para atualizar a população do que acontece tanto em seu próprio país, quanto em países bem distantes. Foi possível notar que desde o início da profissão, em meados do século XIX, o jornalista passou por diversas mudanças na maneira de cobrir a guerra. No início eram utilizados muitos relatos de combatentes que, foram sendo substituídos pelos relatos dos próprios jornalistas no *front*.

Porém, apesar da importância da cobertura de guerra, a censura sempre se fez presente, impossibilitando muitas vezes o trabalho do repórter, que acabava sendo manipulado pelos oficiais.

Para entender um pouco mais sobre essas características da cobertura jornalística de guerra, vamos analisar o papel da imprensa com o passar dos anos durante guerras importantes e marcantes.

2.1 – Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918)

A Primeira Guerra Mundial teve início em 1914. Alguns países estavam extremamente descontentes com a partilha da Ásia e da África, ocorrida no final do século XIX. “Pretendia ser a guerra para acabar com todas as guerras e terminou sendo um genocídio até então sem precedentes na história” (MORETTI, 2004, p. 95).

A cobertura jornalística de guerra já estava presente nesse conflito, no século XX a imprensa francesa, por exemplo, tinha um alcance global com jornais como o *Le Petit Journal*, *Le Petit Parisien* e *Le Figaro*, além disso, havia a agência *Havas*, maior agência do mundo no início do século. Porém, nesse período foram cometidas inúmeras falhas. Para Moretti (2004), em nenhum outro período da história se escreveram tantas mentiras deliberadas quanto na Primeira Guerra Mundial. O senador americano, Hiram Johnson, teria dito em 1918 que “A primeira baixa, quando eclode uma guerra, é a verdade”⁴.

A intenção dos jornalistas era cobrir o conflito em tempo real, de acordo com as tecnologias existentes na época, e publicarem notícias imparciais, mas o que aconteceu foi exatamente o oposto. O final do século XIX e o início do século XX era visto como um período de “jornalismo literário e militante”, logo, percebe-se a parcialidade embutida nas matérias. Os jornais da época eram financiados por grupos políticos ou, até mesmo, pelo Estado, servindo, por vezes, como porta vozes para esses grupos.

A pesquisa a respeito da cobertura jornalística brasileira da Primeira Guerra é escassa, Garambone (2003) aponta que as abordagens sobre a Primeira Guerra são de dois tipos: trabalhos referenciais, como o de Nuno Pinheiro ou Oto Prazeres; ou trabalhos específicos sobre o ponto de vista militar.

Já no primeiro ano da guerra era visível que a imprensa não era bem-vinda no combate. De acordo com Carvalho (2013), os jornalistas não eram creditados, não lhes era dado estatuto para trabalhar e os militares tratavam-nos como hostis, como inimigos, principalmente quem dissesse ser imparcial.

⁴ <https://www.theguardian.com/notesandqueries/query/0,5753,-21510,00.html>

Em alguns países, só era possível que o jornalista publicasse o que os militares escreviam. Na Inglaterra, por exemplo, havia o *Press Bureau*, que era um órgão que revia os documentos militares antes de entregar aos jornalistas. Porém, por vezes, essas informações acabavam sendo ultrapassadas, já conhecidas pelo público através dos noticiários de outros países ou não tinham relevância alguma para o público.

A vida dos jornalistas independentes era ainda pior naquela época. Alguns países puniam com a morte, aqueles que iam para frentes de combate. Portanto, os jornalistas eram forçados a se tornarem aliados das tropas, com o objetivo de que ninguém soubesse, de fato, o que estava se passando na guerra.

Muitos jornalistas aceitaram as censuras que foram impostas pelo governo, pelos militares e até mesmo pelos donos dos jornais. Silva (2006) acrescenta que:

A pronta disposição dos jornais e dos jornalistas em aceitar esse controle, e sua cooperação na disseminação da propaganda, trouxe-lhes a recompensa do *status social* e do poder político. Mas também minou a confiança que o público tinha na imprensa (p. 59).

Nesse sistema, era obrigatório que os militares revistassem até as cartas pessoais que os jornalistas enviavam. Essa censura era nítida em toda a imprensa dos países que estavam na guerra, países que levantavam a bandeira da liberdade de imprensa.

A imprensa anglo-americana começou, nesse momento, a separar os textos opinativos, dos textos objetivos, entendendo a total distinção entre os dois. Já a imprensa francesa ainda fornecia ao público as interpretações dos fatos.

O Brasil preferiu buscar a imparcialidade durante o início da Primeira Guerra Mundial. Um dos motivos era que o país vivia há pouco menos de cem anos como nação independente e não representava grande potência geopoliticamente. Naquela época, a neutralidade era uma questão de honra para intelectuais, políticos e jornalistas e até para o governo. Para Garambone (2003), esse momento da história foi, talvez, um dos raros momentos do jornalismo brasileiro em que houve notável e louvável isenção da imprensa, que divulgava tanto notícias do lado aliado quanto notícias das potências centrais.

É interessante notar que, durante a Primeira Grande Guerra, o jornalismo teve avanços importantes e, ao mesmo tempo, grandes falhas. Muitos jornalistas que tentavam seguir a imparcialidade das notícias eram mortos ou ameaçados. Mesmo com as novas tecnologias, a notícia acabava chegando atrasada para a população devido à alta censura, o que tende a piorar, como veremos na Segunda Guerra Mundial.

2.2 – Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945)

A Segunda Guerra Mundial também foi uma guerra devastadora: o número de mortos nesta guerra ultrapassou os 50 milhões, o que fez com que o estrago fosse ainda maior do que a guerra anterior. Ela teve como característica uma censura severa. “O correspondente era obrigado a preparar sua matéria em quatro vias para ser submetido ao crivo dos censores” (SILVA, 2006, p. 60).

É importante lembrar que o nazismo implantado pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, surgiu logo ao final da Primeira Guerra Mundial e estava presente durante a Segunda Grande Guerra e interferiu diretamente na política Alemã. Em 1919, em Munique, Adolf Hitler aderiu a um pequeno grupo chamado de “Partido Trabalhista Alemão”, fundado por um mecânico ferroviário.

Em 1933 Hitler tornou-se chanceler da Alemanha e, com isso, mantendo a imensa quantidade de propaganda já existente durante a primeira guerra, os judeus foram fortemente enganados nesse período. Os meios de comunicação foram usados como arma pelos nazistas para enganar tanto os judeus quanto os próprios alemães, colocando-os contra os judeus. O nazismo durou até o fim da Segunda Guerra Mundial (1945).

O rádio surgiu por volta de 1920, logo após a Primeira Guerra Mundial e utilizava, por vezes, notícias publicadas nos jornais vigentes na época. Na Alemanha, o rádio rapidamente se tornou o centro das atenções do público e, conseqüentemente, do Estado, pois, através dele era possível que o locutor construísse a imagem da guerra e transmitisse em tempo real. Para Golin e Abreu (2006) essa nova forma de divulgação de informação deu início à que ficou conhecida como a batalha sonora.

A mídia era usada fortemente como arma de combate pelo Estado. Usavam, principalmente o rádio, para conquistar aliados estrangeiros e para manipular a população do próprio país, pois, tendo em vista que o rádio era vendido por um preço muito barato, grande parte da população alemã tinha acesso a ele. Segundo Arcanjo (2006), devido a essa popularização, os chamados “rádios do povo” emanavam propagandas, pronunciamentos e notícias que exaltassem o partido nazista ou o desempenho das tropas no *front*.

O rádio torna-se um instrumento efetivo para a proliferação dos ideais do nacionalismo alemão. Sendo pequeno e prático, disposto em inúmeros locais públicos, por fim presente na maioria das casas, mostrou-se imensamente útil na doutrinação da população da Alemanha nazista (ARCANJO, 2006, p. 1879).

Os jornais tradicionais, por sua vez, tendo em vista o sucesso que o rádio estava fazendo, foram forçados a se renovar, usando, muitas vezes do sensacionalismo e da fotografia como linguagem principal. Usavam a fotografia, muitas vezes, com o mesmo intuito do rádio: manipular a população, jogando-a contra os judeus.

O tempo foi uma das maiores transformações sofridas pelos periódicos durante o século XX, devido às novas tecnologias a notícia começou a ser produzida e veiculada de maneira mais rápida, além disso, nesse momento começou a ser possível obter informações de qualquer lugar do mundo em uma velocidade maior. Essa mudança se deu muito pela necessidade que a sociedade tinha de um jornalismo diferente, que fugisse do literário e do político.

Segundo Pedro (2013), o relato da guerra é comandado pela velocidade das informações instantâneas ou ao vivo e, dessa forma, o relato longo e a reportagem impressa ficam cada vez mais distantes. “Principalmente na Segunda Guerra Mundial houve um *boom* em relação aos meios de comunicação de massa, tendo sido inclusive um capítulo fundamental no desenvolvimento do conflito e usado como estratégia militar” (PEDRO, 2013, p. 5).

Para Forner e Silva (2017), muitos editores, impulsionados pela onda antisemita difundida pelo partido nazista, focaram na “demonização” da imagem dos judeus para agradar seus líderes nazistas, cujo apoio era fundamental na venda das edições de qualquer veículo.

Nenhuma especulação, opinião ou previsão pessoal era permitida. O argumento era de que, como o mundo sabia da existência da censura na Rússia, todos os despachos que se permitia ao correspondente enviar tinham que ter o aval das autoridades, representando um posicionamento oficial (SILVA, 2006, p. 62).

Já na Inglaterra, no início da guerra, foi criada uma lei que dava ao governo o direito de controlar toda e qualquer mídia existente. “À semelhança do que aconteceu a certa altura na primeira guerra, os jornalistas levados para o campo voltaram a ser pré-selecionados pelo sistema “*pool*” e concordavam com as restrições que lhes eram impostas pelos militares” (CARVALHO, 2013, p. 36).

Durante esse período, a principal função dos jornalistas, fotógrafos, produtores de cinema e rádio e os demais pertencentes a indústria da comunicação, era, segundo Silva (2006), usar as habilidades civis para influenciar o curso da guerra por meio do controle psicológico do estado de espírito na Alemanha, no exterior, nos campos de batalha e no território inimigo.

A censura enfrentada pelos jornalistas durante a Primeira e Segunda Guerra não deve ser associada ao sensacionalismo. A censura é imposta pelo governo, o jornalista é obrigado a noticiar ou não determinados fatos. Entendemos como jornalismo sensacionalista todo aquele que manipula toda ou parte da notícia veiculada, fazendo com que ela seja vista de modo exagerada.

Sensacionalismo é, enfim, fazer apelo a reações mais baseadas na emoção do que na razão, trazendo sentimentos primários à tona, simplificando polêmicas em vez de fornecer elementos que permitam pensar, compreender, formar opinião. E, neste contexto, não interessa só aquilo que o veículo diz, mas também o modo como se diz (GUIMARÃES; CLEMENTE; LIRA, 2013, p. 20).

Além das inovações tecnológicas, a Segunda Grande Guerra contou com jornalistas brasileiros renomados, como Joel Silveira e Rubem Braga. “Uma das maiores inovações brasileiras do século XX em termos de jornalismo internacional brasileiro se deu na Segunda Guerra Mundial” (KUHN, 2005, p. 4).

De acordo com Carvalho (2013), a história tende a repetir-se, e o que aconteceu com a cobertura jornalística na Segunda Guerra Mundial em pouco ou nada divergiu com o sucedido na primeira.

As únicas diferenças em relação ao conflito de 1914-18 ficaram-se pelo melhor tratamento em termos de condições oferecidas (principalmente na frente do Norte da África) e pelo número de profissionais creditados,

mais ou menos 150 (Britânicos e Norte-Americanos) em 1944 (CARVALHO, 2013, p. 36).

A imprensa brasileira segue mantendo uma postura linear, imparcial. Pereira (2012) diz que para grande parte desta, o Brasil deveria se ocupar com seus problemas internos ao invés de se envolver em um conflito dessa magnitude.

Como pudemos notar, a Segunda Grande Guerra foi ainda pior que a primeira em todos os sentidos: houve mais mortes e ainda mais censura. Para piorar, durante essa guerra o nazismo esteve presente e, com isso, o uso de propagandas por parte do governo começou a ficar cada vez maior, propagandas que eram feitas pelos próprios jornalistas. Assim, os jornalistas eram usados pelo governo alemão como um forte instrumento de guerra. Durante essa guerra o rádio já estava presente e, com isso, facilitou a notícia chegar em uma quantidade ainda maior de pessoas.

Outra guerra importante para a história foi a Guerra do Vietnã (1955 – 1975), quando também houve forte influência da censura nas produções jornalísticas.

2.3 – Guerra Do Vietnã (1955 – 1975)

Logo no início da guerra os correspondentes que foram cobrir o Vietnã do Sul foram credenciados pelo dirigente do Vietnã do Sul, Ngo Dinh Diem, por se tratar de um governo ditatorial, os jornalistas não poderiam relatar nada que fosse desfavorável para o seu governo. É importante ressaltar a importância da mídia em todas as guerras, mas principalmente nessa, quando foi fortemente usada como arma de combate ao Vietnã do Norte. “Quando se está em guerra, a reportagem torna-se, na verdade, uma extensão do esforço militar em abater o inimigo” (WAINBERG, 1996, p. 57)

Durante a guerra do Vietnã, o patriotismo entre os jornalistas, principalmente americanos, superou até mesmo o profissionalismo, pois, nesse momento, a imprensa norte-americana começou de forma completamente parcial a cobrir a guerra, transformando o Vietnã do Norte em verdadeiros inimigos. “A imprensa contava com diversas informações contraditórias

disponíveis, mas que simplesmente eram ignoradas em favor da versão oficial do governo” (SILVA, 2006, p. 65).

Em 1964 aconteceu o Incidente do Golfo de Tonquim, quando os contratorpedeiros norte-americanos, Maddox e Turner Joy, cruzavam as águas na costa do Vietnã do Norte.

Nesse momento houve um controle da mídia por parte do presidente americano. Isso ocorreu de maneira fácil, pois, naquele momento a ideologia da guerra fria era forte, o que fazia com que, segundo Hallin (1986), o consenso partidário vinculasse as decisões de política internacional como questões de “segurança nacional”. Outro fator importante para o controle da mídia era o fato de que a própria mídia não sabia dessa manipulação, e acreditava que os veículos eram imparciais e profissionais. “Os repórteres davam exemplos de jornalismo na sua tradição de fornecer ao público apenas os fatos; só que estes fatos não eram simplesmente informações, mas informações escolhidas cuidadosamente por oficiais do governo” (SILVA, 2006, p. 66).

De acordo com Wainberg (1996, p. 58), cerca de 62% de todos os relatos foram apresentados como vitórias para os EUA: “A imprensa americana no Vietnã, naqueles dias de consenso, serviu como um recurso de luta e sua atuação entendida como uma extensão da guerra”..

Outra forma de manipular a população através da imprensa era colocando maior impacto nas atitudes do grupo rival: “a imprensa classificava como ‘sequestro’ as prisões de autoridades do Vietnã do Sul, os oficiais do norte-vietnamitas detidos eram sempre chamados de ‘suspeitos vietcongs’” (SILVA 2006, p. 68).

Muitos jornalistas brasileiros cobriram a guerra do Vietnã de maneira positiva, como o Luís Edgar de Andrade e José Hamilton Ribeiro que foi enviado em 1968 pela revista Realidade para cobrir a guerra. Foi na guerra do Vietnã que o jornalista perdeu a perna quando pisou em uma mina terrestre e, ainda assim, escreveu e publicou a matéria, além de ter escrito o livro “O gosto da guerra”, cuja versão original é de 1969.

Em janeiro de 1968, militares do Vietnã do Norte e do vietcongue⁵ começaram uma ofensiva militar, denominada de ofensiva do Tet, com o objetivo

⁵ Vietnamitas do sul que queriam ser unir com o Vietnã do Norte.

de unificar o Vietnã. Quando os militares do Vietnã do Norte e os vietcongues invadiram o prédio da Embaixada dos Estados Unidos no Vietnã, a população estadunidense começou a desconfiar do poder dos EUA, com isso, foram deixando de apoiar a guerra. Começaram a surgir diversos protestos universitários, e até mesmo por parte de grupos políticos em todo o mundo, questionando a necessidade da guerra e, da ocupação dos EUA naquela região. Não havia clareza sobre qual interesse que os soldados e suas famílias estavam defendendo.

De acordo com Wainberg (1996), a presunção do repórter cede ao apelo da pátria, da liberdade, da democracia, do interesse e do bem-estar psíquico das famílias.

Nessa guerra então é possível observar parte da imprensa sendo corrupta, sem a menor credibilidade, que foi fundamental para os acontecimentos da guerra. A reportagem mais uma vez foi usada como um braço da guerra, mas, dessa vez, de uma maneira mais forte e eficaz, através de textos manipulados. A notícia era frequentemente ignorada em prol do governo. Porém, devido à cobertura da ofensiva Tet, a imprensa ajudou a população a entender o que de fato estava ocorrendo e, assim, parar de apoiar a guerra. Sem o apoio da população, a guerra que teve que acabar.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a atuação do jornalismo nas principais guerras do século XX, que foram guerras de extrema importância política e econômica não somente para os países envolvidos, mas para todo o mundo. A profissão correspondente de guerra surgiu no século XIX por causa da necessidade de produzir um lado positivo da guerra e, desde então, passou por diversas mudanças e os motivos variam bastante, desde a censura e os critérios editoriais enfrentados pelos jornalistas, até o surgimento das novas tecnologias.

Após a realização da pesquisa bibliográfica pudemos realizar uma revisão bibliográfica, analisando as informações coletadas. Com isso, a hipótese inicial de que a censura sempre existiu na cobertura de guerra e influencia diretamente na qualidade do trabalho realizado pelos jornalistas foi confirmada. Um dos autores fundamentais na análise das principais guerras mundiais foi Silva (2006),

que também já pesquisou a respeito da presença da imprensa durante alguns conflitos.

Pudemos observar ao longo deste artigo que a censura esteve presente em todas as guerras citadas, e principalmente nos países em que o regime vigente é ditatorial, já que os profissionais da imprensa dependem dos soldados para obterem informações, e acabam ficando nas mãos do Estado. Portanto, os obstáculos criados pelo Estado e pelos militares para atrapalhar os jornalistas que cobriam a guerra sempre existiram e, as formas de coibir o acesso e exposição da imprensa mudam com o passar do tempo e com os avanços tecnológicos.

REFERÊNCIAS

ARCANJO, Thiago Soares. O historiador e as novas tecnologias. *Reunião de artigos do II Encontro de Pesquisas Históricas - PUCRS*. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2006.

CARVALHO, Élvio da Silva. *Jornalismo de guerra: o caso da imprensa portuguesa*. 117 f. Dissertação (Mestre em jornalismo) Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2013.

FORNER, Oscar Milton Cowley; SILVA, Maria Aparecida Ramos da. A mídia como arma de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. *Temática*, v. 13, n. 7. p.1-13, jul. 2017. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/35358/18032>. Acesso em: 28 dez. 2020.

GARAMBONE, Sidney. *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2003.

GOLIN, Cida; DE ABREU, João Batista. *Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial*. v. 38. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

GUIMARÃES, Caroline; CLEMENTE, Luana; LIRA, Rafaela. *Jornalismo policial sensacionalista: A sociedade do espetáculo*. 2013. 42 f. Relatório técnico-científico (Bacharel em comunicação social) – Faculdade Cearense, Fortaleza, 2013.

HALLIN, Daniel C. *The uncensored war – The media and Vietnan*. New York: Oxford Press University, 1986.

KUHN, Adriana S. A História dos Correspondentes Brasileiros de Guerra e sua Relação com o Poder Estatal e Militar. In: ENCONTRO NACIONAL DE

HISTÓRIA DA MÍDIA, 3. 2005, Novo Hamburgo. *Anais do 3º Encontro Nacional da Rede Alcar*. UFRGS: Porto Alegre, 2005.

MORETTI, M. A. M. *A ética no jornalismo: o jornalismo em tempos de guerra*. *Revista Brasileira de Marketing*, v. 3, n. 1, p. 89-102, 2004.

PEDRO, Vanessa. Dos combatentes, aos jornalistas, aos combatentes: A cobertura da imprensa brasileira conta a história da guerra no século XX. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9. 2013, Ouro Preto. *Anais do 9. Encontro Nacional da Rede Alcar*. UFRGS: Porto Alegre, 2013.

PEREIRA, Aline Andrade. Imprensa e Primeira Guerra Mundial – Objetividade e Neutralidade nas Páginas dos Periódicos da Época. 2012. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35. 2012, Fortaleza. *Anais do 35. Intercom*. São Paul: Intercom, 2012.

SILVA, Igor Marx Freire Ferreira Lima e. *Enquadramentos de Guerra: a cobertura do recente conflito no Iraque em dois jornais brasileiros*. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

WAINBERG, Jacques A. *Nação em guerra, repórteres em luta*. FAMECOS. Porto Alegre, n. 5, p.57-62, nov. 1996.